

11

## Particularidades fonológicas das interjeições primárias do português europeu: ah, afinal são palavras como as outras

João Veloso

Universidade do Porto / Universidade de Macau

**Resumo\_** Na longa tradição das gramáticas ocidentais, as interjeições têm sido tratadas de forma bastante peculiar: ora ignorando completamente estas unidades, ora detendo-se em particularidades de diversa ordem para não as considerarem como formas linguísticas propriamente ditas ou para as relegarem para um plano secundário, muitas descrições gramaticais (do português e de outras línguas) concedem-lhes geralmente uma atenção nula ou marginal. Esta secundarização contrasta, porém, com algumas outras investigações linguísticas que tentam reinscrever as interjeições no conjunto das unidades passíveis de descrição gramatical. Na generalidade dos estudos que se debruçam sobre as interjeições, nota-se uma insistência considerável nas idiosincrasias fonológicas e de outra ordem que parecem contribuir para o seu carácter altamente irregular. Neste estudo, fazendo uma análise fonológica sumária a um conjunto limitado de interjeições primárias do português europeu, verifica-se que os casos de verdadeira irregularidade fonológica destas palavras são minoritários e que muitas das aparentes exceções formais encontradas nas interjeições desta língua são partilhadas por outros subconjuntos lexicais do português. Defendemos, assim, que conceitos como *estrato lexical* ou *subléxico* possam fornecer argumentos para integrar as interjeições na descrição fonológica do português como formas particulares, mas não totalmente irregulares.

**Palavras-chave\_** interjeição; irregularidade fonológica; palavridade; estrato lexical; subléxico; português europeu.

**Sumário.** 1. Introdução. 2. Singularidades de uma classe à parte: o que há numa interjeição? 3. Estratificação lexical e “anomalias fonológicas”. 4. Características fonológicas das interjeições primárias do português europeu: generalizações a partir de um conjunto limitado de dados. 4.1. Material linguístico. 4.2. Levantamento de propriedades fonológicas de itens do *corpus*. 4.2.1. Extensão segmental e silábica das interjeições do *corpus*. 4.2.2. Constituição silábica das interjeições do *corpus*. 4.3. Características fonológicas das interjeições primárias do português europeu: À margem da língua?. 5. Observações finais. Referências bibliográficas.

### Phonological singularities of primary interjections in European Portuguese: oh, they are like other words

**Abstract\_** In the long tradition of Western grammars, interjections have been treated in a rather peculiar way. Sometimes completely ignoring these units, sometimes dwelling on different kinds of particularities so as not to consider them linguistic forms in their own right or to relegate them to a secondary plane, many grammatical descriptions (of Portuguese and of other languages) generally give them no or marginal attention. This attitude contrasts with some other linguistic investigations that try to re-inscribe interjections in the set of units that can be linguistically described. In most studies that focus on interjections, there is a considerable insistence on phonological and other idiosyncrasies that seem to contribute to their highly irregular character. In this study, making a preliminary phonological analysis of a limited set of primary interjections of European Portuguese, it is found that the cases of true phonological irregularity of these words are a minority and that many of the apparent formal exceptions found in the interjections of this language are shared by other lexical subsets of Portuguese. We thus argue that concepts such as *lexical stratum* or *sublexicon* can provide arguments to integrate interjections into the phonological description of Portuguese as a subset of particular but not totally irregular forms.

**Keywords\_** interjection; phonological irregularity; wordhood; lexical stratum; sublexicon; European Portuguese.

**Summary\_** 1. Introduction. 2. Singularities of a class apart: what's in an interjection? 3. Lexical stratification and “phonological anomalies”. 4. Phonological characteristics of primary interjections in European Portuguese: generalizations from a limited set of data. 4.1. Linguistic material. 4.2. Survey of the phonological properties of the *corpus* items. 4.2.1. Segmental and syllabic length of the interjections in the *corpus*. 4.2.2. Syllabic structures of the interjections in the *corpus*. 4.3. Phonological characteristics of the primary interjections of European Portuguese: Are they really marginal?. 5. Final remarks. References.

ORCID 0000-0002-5070-8838. joaoveloso@um.edu.mo, jveloso@letras.up.pt. Universidade de Macau. China / Universidade do Porto. Portugal.

Trabalho financiado pelo Projeto SRG2022-00024-FAH – “Grammatical Ontology: Nature vs. Convention” da Universidade de Macau (China) e pelo programa de financiamento FCT-CLUP UIDB/00022/2020 (Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal), através de fundos atribuídos ao Centro de Linguística da Universidade do Porto.

- Oh!... – disse o príncipe. Esta única interjeição lhe fugiu da boca; mas que discurso houvera aí que a igualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada. Alexandre Herculano. O Bispo Negro. *Lendas e Narrativas*. (ed. Vitorino Nemésio e António C. Lucas). Lisboa: Livraria Bertrand, 1981 [1970], Tomo II, pág. 91

## 1.

### Introdução

O foco deste trabalho reside nas propriedades fonológicas eventualmente associadas, de forma marcada, às interjeições do português, concentrando-nos nos dados do português europeu (PE) e restringindo-nos às unidades que, de acordo com argumentos que serão revistos no final da secção 2, têm cabimento no subconjunto das chamadas “interjeições primárias” (aquelas que entram supostamente na língua já como interjeições (p. ex.: *ui*, *oh*), não resultando, portanto, da recategorização de formas originalmente pertencentes a outras classes (como sucede com *boa!* ou *viva!*, p. ex.)).

O lugar das interjeições nas descrições das várias línguas, conforme sublinhado por autores como, p. ex., Ameka (1992), Ameka e Wilkins (2006), Dingemanse (2023; 2024) e Piron (2016), tem correspondido, tradicionalmente, a um lugar secundário e bastante indefinido. Com efeito, diversas razões, conforme sumariamente veremos na próxima secção, parecem continuar a fazer da interjeição a “universal yet neglected part of speech”, usando aqui a expressão encontrada logo no próprio título do texto de Ameka (1992).

Entre as causas dessa secundarização, como reconhecido pelos estudos citados no parágrafo anterior, ganham relevo características formais das interjeições (a nível fonológico, morfológico, ortográfico, etc.) que parecem contrastar com os padrões mais frequentes encontrados nas palavras de outras classes. Esta característica acaba por remeter as interjeições para as *margens* ou para a *periferia* dos estudos gramaticais e linguísticos, no sentido dado a “margem” e “periferia” por autores como Ameka e Wilkins (2006), Dingemanse (2018), Kuznetsova et al. (eds.) (2025) e outros. O objetivo essencial deste estudo consiste, assim, em verificar se, de facto, as interjeições primárias do PE exibem algum tipo de comportamento fonológico particular, nomeadamente ao nível da capacidade de violação das chamadas *condições de palavridade* (Aronoff e Fudeman, 2005: 36-38)<sup>1</sup>, ou seja, das restrições fonológicas obrigatórias (ao nível segmental e ao nível prosódico) para que uma cadeia fonética possa ser aceite como uma *palavra* numa dada língua. Para tal, além das considerações do enquadramento teórico apresentadas na primeira parte (secções 2 e 3), procederemos, na segunda parte (secção 4), à análise de uma pequena lista de exemplos do PE.

Deste modo, o presente artigo encontra-se organizado da seguinte forma. Na secção 2, reunimos um conjunto de informações fundamentais sobre as principais especificidades linguísticas das interjeições e da atitude descritiva de que elas têm sido objeto ao longo do tempo. Em 3, faremos uma revisão de algumas interpretações fonológicas que admitem que, em cada língua, possa haver uma aplicação particularizada de algumas restrições fonológicas a certos subconjuntos lexicais, hipótese que gostaríamos aqui de defender para uma melhor descrição das interjeições primárias do PE. Na secção 4, partindo de um *corpus* relativamente reduzido de unidades exemplificativas desta classe nesta língua, faremos o levantamento de algumas características

<sup>1</sup> Neste trabalho, usamos *palavridade* como equivalente, em português, de *wordhood* (Aronoff & Fudeman, 2005: 36-38), apropriando-nos da tradução de Ulrich (2013), que se ocupa sobretudo da consciência implícita da palavra enquanto componente do conhecimento linguístico dos falantes.

fonológicas encontradas neste conjunto específico de formas linguísticas, tentando oferecer algumas explicações para as particularidades identificadas e enquadrá-las no contexto mais geral da descrição fonológica do português. Finalmente, na última secção (secção 5) formularemos um conjunto de considerações finais em que tentaremos pôr em destaque as propriedades que, de acordo com o estudo efetuado, podemos de alguma forma associar às interjeições primárias do PE na sua relação com outras classes da língua. Tentaremos pôr em relevo, partindo do tipo de análise efetuada a um *corpus* tão limitado como o deste estudo, duas observações a reter: (1) que as interjeições primárias do PE não se afastam substantivamente das restrições fonotáticas respeitadas pelas palavras das restantes classes da língua; (2) que os casos relativamente escassos em que o contrário parece ocorrer correspondem, em geral, à realização de certos formatos fonotáticos marcados também verificados noutras classes.

## 2.

### Singularidades de uma classe aparentemente à parte: o que há numa interjeição?

Na sua introdução a um número especial do *Journal of Pragmatics* dedicado à interjeição, Ameka (1992) destaca (como o faz a generalidade dos estudos sobre estas palavras) a indefinição, a secundarização ou mesmo o apagamento da interjeição nas descrições gramaticais. Segundo o texto citado, o carácter relativamente ambíguo das descrições linguísticas mais correntes no tocante a esta classe deve-se a dois fatores principais e interligados (Ameka, 1992: 102 ss.):

- (i) a herança descritiva da gramaticografia ocidental que, na continuidade das primeiras descrições do grego e do latim, é bastante hesitante quanto à aceitação definitiva da interjeição como uma classe de palavras;
- (ii) certas idiossincrasias associadas à forma, ao conteúdo e ao uso das interjeições em diversas línguas.

Essa secundarização contrasta, conforme enfatizado por Ameka (1992: 101 ss.) ou Dingemanse (2024: 258), p. ex., com o carácter universal da interjeição (supostamente presente em todas as línguas do mundo) e com a sua elevada frequência nas produções de todas as línguas.

Resenhas históricas bastante extensas, expondo o preconceito a respeito desta classe patente nas gramáticas ocidentais desde a Antiguidade Clássica até gramáticas muito recentes, podem ser encontradas em trabalhos como Leite (2016) ou Piron (2016). Entre os principais motivos identificados por tais estudos para a relutância que a tradição gramaticográfica ocidental manifesta há vários séculos relativamente às interjeições contam-se, p. ex., a ideia de que a interjeição é a manifestação não verbal de emoções instintivas, como se ela correspondesse a um vestígio de modos de comunicação primitiva (“pré-linguística”) partilhados com outras espécies, bem como as irregularidades formais destas unidades. Por estas ou por outras razões a elas associadas, as interjeições, de acordo com tais estudos, nem sequer são consideradas, em muitas descrições gramaticais, como formas linguísticas propriamente ditas<sup>2</sup>.

A essa resistência da maioria dos estudos gramaticais que excluem as interjeições do seu campo de estudo, podemos contrapor perspetivas mais recentes, patentes em trabalhos como Ameka (1992), Ameka e Wilkins

2 É no contexto dessa herança histórica e epistemológica que teremos de entender, p. ex., a definição de interjeição dada por Cunha e Cintra (1990), que a apontam, no estudo gramatical do português, como “[...] uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo as nossas emoções” (Cunha e Cintra, 1990: 587).

(2006), Basso e Teixeira (2017; 2019), Dingemanse (2018; 2023; 2024), Marabini (2019), Morleo (2022), Nenova et al. (2001), Wierzbicka (1992), entre muitos outros, que representam uma contribuição decisiva para se “recuperar” o interesse da linguística pela interjeição e para se sistematizar um conjunto de premissas fundamentais no estudo destas unidades.

Um dos resultados que ficamos a dever a investigações como as que acabamos de referir consiste na identificação de um conjunto de propriedades fonológicas aparentemente mais frequentes nas interjeições quando comparadas com outras unidades linguísticas. Este aspeto é particularmente destacado por autores como, p. ex., Ameka (1992), Ameka e Wilkins (2006: 5), Dingemanse (2023: 478) e Nenova et al. (2001). A este propósito, a seguinte citação de Ameka e Wilkins (2006) é elucidativa de como a aparente “irregularidade fonológica” das interjeições é frequente em várias línguas, podendo ser verificada a partir de fatores muito diversos, como, p. ex., a ocorrência de segmentos não pertencentes aos respetivos inventários fonémicos ou a violação das regras fonotáticas básicas da língua:

Interjections tend to be phonologically and morphologically anomalous. They may be made up of sounds and sound sequences that are not found in other parts of the language. In English the interjection spelt *tut-tut* is phonetically a series of dental clicks – sounds which are not used otherwise in the language. [...] Similarly, some interjections employ extra-systemic syllabic structures and phonotactic combinations. Some English interjections do not contain any vowels, for instance, *Psst!*, *Sh!*. From the point of view of the main sound system of English these are ‘non-words’. Furthermore, interjectional words (like other attention-directing words) may also be associated with non-systemic features such as extra lengthening and wide pitch range. Because of the association of such extrasystemic features with some members of the class of interjections in some languages, it has been argued that interjections are not part of language or that interjections are non-words or semi-words or quasi linguistic vocal signs [...]. (Ameka & Wilkins, 2006: 5)

Fenómenos como os exemplificados nesta citação motivam estudos como o de Nenova et al. (2001), que propõe mesmo a existência, dentro da fonologia da língua, de uma “fonologia das interjeições”. A este propósito, vale, contudo, lembrar que certas propriedades que as interpretações mais tradicionais parecem querer associar exclusivamente às interjeições são também observáveis noutras classes, sem que tal pareça implicar qualquer dificuldade ou recusa no tocante à inclusão destas últimas no conjunto dos objetos linguísticos “de pleno direito”. Na verdade, quando se vinca que as interjeições parecem poder desrespeitar algumas das principais restrições fonotáticas da língua, convém ter em mente, com os mesmos autores da citação acima transcrita, que **“phonological aberrance is not restricted to interjections alone, but is a feature also of other elements in natural languages**, especially deictic elements such as pronouns and demonstratives, which are considered by linguists to be part of the core of the language system” (Ameka e Wilkins, 2006: 5; negrito nosso).

Um outro contributo importante destes estudos encontra-se nas propostas da divisão das interjeições por subclasses com base em critérios diversos. Para os propósitos centrais do nosso estudo, torna-se particularmente pertinente a classificação das interjeições que, baseada na sua origem e formação na língua, as divide em **interjeições primárias** e **interjeições secundárias**, termos originalmente usados, numa aceção muito própria, por Bloomfield (1933), segundo Ameka (1992: 104, 111). Adotada por autores tão diversos como, entre muitos outros, Ameka (1992), Ameka e Wilkins (2006), Basso e Teixeira (2017; 2019), Dingemanse (2023; 2024), Marabini (2019) e Morleo (2022), esta classificação pode ser resumida da seguinte forma:

- 1) Interjeições **secundárias**: são aquelas que existem também como não interjeições na língua, tendo origem em classes das quais são “importadas” por processos de des-semantização e pragmatização (no sentido de Diwald, 2011), segundo Morleo (2022: 254). Formas do PE

como *fogo* (nome>interjeição), numa frase como “*Fogo, estás gordo!*”, ou *boa* (adjetivo>interjeição), em formulações como “*Passaste no exame? Boa!*”, corresponderiam, desse modo, a interjeições secundárias.

- 2) Interjeições **primárias**: são as formas interjecionais que, não sendo atestadas noutras classes, entram supostamente na língua já como interjeições. Estão neste caso formas do PE como *ai*, *ei*, *schiu*, *ups*, *irra*, etc.

Das interjeições secundárias, espera-se que respeitem fundamentalmente as regras fonológicas e morfológicas dominantes nos processos de formação de palavras e regularmente aplicados nas suas classes de origem: dado que provêm de classes muito amplas, produtivamente formadas ao longo da história da língua, respeitarão as regras fonológicas e morfológicas dessas classes, não sendo expectáveis idiosincrasias formais atribuíveis ao seu uso ou valor interjecional. Já as interjeições primárias, por não serem atestadas fora da classe das interjeições, serão aquelas das quais poderia ser esperável a verificação de propriedades típicas, senão exclusivas, das interjeições. Por esta razão, são as interjeições primárias que verdadeiramente interessam no presente estudo, que se foca nas características fonológicas destas unidades do PE.

### 3.

#### Estratificação lexical e “anomalias fonológicas”

Vimos, na secção anterior, que as interjeições são frequentemente referidas como unidades especiais com a particularidade de poderem escapar a um número considerável de restrições fonológicas das línguas em que ocorrem (embora autores como Ameka e Wilkins (2006), como vimos também, sublinhem que essa capacidade não é exclusiva das interjeições).

Neste contexto, referiremos de seguida algumas propostas teóricas que nos parece possível relacionar com este ponto. Tais propostas defendem que em praticamente todas as línguas existem subgrupos de palavras que parecem capazes de “iludir”, mais ou menos *marginalmente*, alguns aspetos mais prototípicos das respetivas fonologias. Mencionamos assim, a este respeito, as propostas de *raridade e marginalidade fonológica* (cf., p. ex., o recente volume organizado por Kuznetsova et al. (eds.), 2025), a oposição entre *núcleo* e *periferia* da fonologia (Itô & Mester, 1999) e, finalmente, os conceitos de *estrato lexical* e *subléxico* desenvolvidos, no âmbito da fonologia lexical, por autores como Kiparsky (1968) e Itô e Mester (1999), respetivamente. De acordo com cada um destes conceitos/propostas, as restrições fonológicas de uma língua não se aplicam todas, de forma inteiramente rígida, a todas as suas palavras. Estas propostas admitem que, quer no quadro de uma língua específica, quer na análise tipológica de conjuntos mais alargados de múltiplas línguas, haja padrões “minoritários”, presentes em subconjuntos lexicais mais restritos e apresentando alguns desvios relativamente às restrições mais prototípicas encontradas na maior parte dos itens lexicais. No caso da descrição parametrizada da fonologia de uma língua em concreto, postula-se assim a existência de subconjuntos de palavras – “estratos lexicais” ou “subléxicos”, definidos, p. ex., pela origem etimológica, pela datação de entrada na língua, pela classe morfossintática ou pela estrutura interna – com a capacidade de apresentarem esse tipo de particularização fonológica. Assim concebidos, esses padrões poderiam ser aceites como casos de *excepcionalidade* ou *marcação* (no sentido clássico de “marcação”, associado a índices de ocorrência comparativamente minoritários, conforme encontrado, p. ex., em Greenberg (1966: 14 ss.), Jakobson (1972[1968]: 58) ou Kenstowicz (1994: 62)).

Ameka (1992), na sua proposta de reconfiguração do estudo linguístico das interjeições, defende precisamente esta necessidade de se distinguir entre propriedades mais comuns e propriedades mais raras ou marginais na estruturação da língua, sem circunscrever as últimas exclusivamente às interjeições e sem que isso tenha



obrigatoriamente de conduzir a uma desvalorização descritiva dos padrões mais marcados. O autor salienta ainda que nem todas as palavras de uma classe em que se identifiquem itens “marcados” apresentam os padrões mais específicos destes últimos, dando precisamente o exemplo concreto das interjeições na apresentação destas suas observações (Ameka, 1992: 106). De certa forma, e assumindo aqui a simplificação da exposição, poderíamos então dizer que, à luz de entendimentos como o de Ameka (1992) que acabamos de citar, numa dada língua nem todas as palavras aparentemente excepcionais do ponto de vista fonológico são interjeições e que nem todas as interjeições são, por força, fonologicamente excepcionais.

Alguns estudos anteriores sobre o português, ainda que não recorrendo explicitamente a conceitos como os de estrato lexical ou sublético, têm demonstrado que a fonologia do PE admite, em alguns subconjuntos lexicais específicos, uma subparametrização igualmente específica. Salientamos aqui, pelo interesse que têm para o desenvolvimento do presente estudo, dois exemplos dessas “configurações fonológicas específicas” admitidas em anteriores descrições da língua:

- a “Hipótese do Núcleo Vazio” (HNV), de Mateus e Andrade (2000: 62), que pretende explicar a prosodização das sequências de duas consoantes lineares em violação do Princípio da Sonoridade e/ou da Condição de Dissemelhança (obstruinte seguida de obstruinte, obstruinte seguida de nasal, nasal seguida de nasal), encontradas principalmente em empréstimos greco-latinos cultos e tardios (ex<sup>os</sup>: *apto*, *octógono*, *afta*, *gnomo*, *mnemónica*, etc.);

- a “Tolerância Prosódica do Limite Direito da Palavra” (TPLDP), de Veloso (2010), propondo que o limite direito da palavra possa ser um domínio prosódico especial que admite, uma vez mais com bastante frequência em palavras eruditas de importação tardia do grego antigo e do latim clássico, a existência de codas ramificadas (com oclusiva precedendo /s/) e de codas preenchidas por /n/ segmental (em palavras como *tórax*, *fórceps*, *ónix*, *abdómen*, *plâncton*, etc.).

Quer a HNV, quer a TPLDP têm por objetivo oferecer-nos explicações descritivas que não se aplicam à generalidade do léxico do PE, mas somente a subconjuntos muito particulares desse léxico. De acordo com aspetos referidos anteriormente neste trabalho, tais subconjuntos poderiam ser concebidos como estratos lexicais ou como subléticos do PE, bem delimitados, dentro dos quais se tornaria possível atestar a realização de padrões fonotáticos diferenciados por comparação com os padrões mais correntes na língua.

#### 4.

#### **Características fonológicas das interjeições primárias do português europeu: generalizações a partir de um conjunto limitado de dados**

Nesta parte do artigo, partindo dos pressupostos anteriormente apresentados, tentaremos identificar algumas propriedades fonológicas presentes num conjunto selecionado de interjeições primárias do PE, a fim de obtermos uma primeira avaliação do comportamento desta classe perante as principais restrições fonológicas da língua.

##### **4.1. Material linguístico**

Para a análise que aqui pretendemos empreender, partimos do pequeno *corpus* reunido no Quadro 1. Fazemos notar que esta lista limitada de interjeições do PE não pretende ser exaustiva. Quisemos somente reunir algum material que assumimos como minimamente representativo das interjeições primárias do PE. Como em qualquer outra língua, as interjeições do português formam um conjunto aberto e extremamente produ-

tivo, que admite a criação quase idioletal ou contextual de formas novas, tornando praticamente impossível a recolha de *todos* os itens da classe. Como tal, a fixação e a dicionarização das interjeições não apresentam a sistematicidade observada na inventariação de outras classes. Para muitas interjeições, também por esta razão, encontramos frequentemente variantes gráficas, como sucede com os exemplos de *pst!*, *psst!* ou *psst!* em português. Na recolha dos exemplos do Quadro 1, ignoraremos estes casos de variação/oscilação, aceitando como equivalentes formas que apresentem variantes desse tipo.

Para cada interjeição, estabelecemos ainda uma transcrição fonética larga (2ª coluna do quadro), que assumimos como a sua forma fonético-fonológica básica. Dado que muitas destas formas não estão dicionarizadas e uma vez que as fontes de que os exemplos são retirados não apresentam a respetiva transcrição fonética, a transcrição atribuída a cada interjeição foi feita a partir da intuição linguística do autor, falante nativo do PE com conhecimento explícito da língua de nível especializado e com treino fonético avançado, tendo-se pretendido registar, para cada interjeição, a forma assumida como a mais corrente na norma padrão do PE contemporâneo.

#### QUADRO 1.

Lista das interjeições primárias do português europeu tomadas como base para a análise das características fonológicas desta classe nesta língua

INTERJEIÇÃO	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA LARGA	FONTE
[ɪ] (clique dental)	[ɪ] (clique dental)	
ah	[a]	VL89-Vil99-DT
ai	[aj]	VL89-Vil99-Rap2013-CC90
apre	[ˈapɾi]	VL89
arre	[ˈari]	<a href="https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arre">https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arre</a>
au	[aw]	Vil99-Rap2013
chi	[ʃi]	CC90
chut	[ʃt]	VL89
dass	[des]	
ei	[ej]	Vil99
eia	[ˈeje]	VL89-CC90-DT
eish	[ejʃ]	
ena	[ˈene]	VL89
fónix	[ˈfɔniks]	<a href="https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/f%C3%B3nix">https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/f%C3%B3nix</a>
heim	[ɛj]	VL89
hmm	[m̃] (nasal labial sem distensão final)	
ih	[i]	VL89-CC90
irra	[ˈiɾe]	VL89-CC90
oh	[ɔ]	Vil99-VL89-Rap2013-CC90-DT
pschiu	[pʃiw]	VL89



psiu	[psiw]	Vil99-CC90-DT
pst	[pst]	DT
schiu	[ʃiw]	VL89
shshsh	[ʃ]	
tss	[ts]	
txx	[tʃ]	
uf	[uf]	VL89
uh	[u]	CC90-DT
ui	[uj]	VL89-CC90-V99-DT
ups	[ups]	
zås	[za]	

Fontes para a recolha deste material (referenciadas na 3ª coluna do Quadro): VL89=*Gramática da Língua Portuguesa*, Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (1989[1971]); Vil99=*Gramática da Língua Portuguesa*, Vilela (1999[1995]); DT=*Dicionário Terminológico* (Portugal – Ministério da Educação e Ciência, s/d); Rap2013=*Gramática do Português*, Raposo et al. (eds.) (2013); CC90=*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Cunha e Cintra (1990[1984]). Exemplos retirados da internet: sítio URL indicado (consulta em 26.06.2025). As quadrículas sem qualquer indicação de fonte remetem para interjeições do conhecimento idioleto do autor.

NOTAS: 1) A forma que consta deste quadro como *oh* é aquela que normalmente encontramos em formulações expressivas (como *oh, que pena!*), a não confundir com a partícula vocativa homófona que os dicionários e gramáticas do português costumam grafar como *ó*. 2) As transcrições fonéticas apresentadas baseiam-se na intuição do autor, falante nativo da norma padrão do português europeu com treino fonético explícito, e pretendem registar a produção assumida como a mais corrente nas variedades mais próximas dessa norma.

#### 4.2. Levantamento de propriedades fonológicas dos itens do *corpus*

Nesta parte do trabalho, faremos o levantamento das propriedades fonológicas das interjeições seleccionadas para o estudo (vd. Quadro 1).

A nossa análise dessas 31 formas desenvolver-se-á em duas fases distintas. Nas duas subsecções seguintes (4.2.1 e 4.2.2), tentaremos extrair algumas regularidades gerais verificadas na forma fonológica das interjeições, verificando, para cada interjeição, dados relativos à sua extensão (4.2.1) e à sua constituição silábica (4.2.2). Seguidamente, na secção 4.3, tentaremos encontrar pistas que nos elucidem sobre o carácter excecional (ou não) da fonologia das interjeições primárias do PE confrontando as propriedades fonológicas dos itens do *corpus* com as principais restrições fonológicas da língua, com destaque para o respeito pelas condições de palavridade que passamos a explicitar.

Como dissemos, as condições de palavridade correspondem às exigências fonológicas mínimas a que uma cadeia segmental deve obedecer para poder ser admitida como uma palavra numa dada língua (Aronoff & Fudeman, 2005: 36-38). No caso do português e para os efeitos do presente estudo, as principais condições de palavridade, que regulam a boa formação fonológica das palavras, são que passamos a enunciar, dividindo-as em dois tipos principais: (1) as que se relacionam, em primeiro lugar, com a Condição de Minimalidade (estipulando o material segmental e autosegmental mínimo obrigatoriamente incorporado numa palavra); e (2) aquelas que, nas cadeias candidatas ao estatuto de palavra que cumpram os requisitos dessa primeira condição, regulam a distribuição dos segmentos pelos diversos constituintes silábicos.

Todas estas condições pressupõem, necessariamente, que o material segmental selecionado para preencher todos os requisitos de palavridade fonológica pertença, na íntegra, ao inventário segmental da língua.

Relativamente à Condição de Minimalidade do português, retomamos a proposta de Veloso (2017), que prevê que, nesta língua, cada palavra tenha de conter pelo menos duas sílabas ou que, no caso das palavras monossilábicas, a única sílaba seja pesada. Na proposta referida, o peso silábico que, dessa forma, responde à Condição de Minimalidade é assegurado por (i) ramificação segmental ou autosegmental da rima, (ii) núcleo vocálico preenchido por uma vogal com elevado nível de sonoridade silábica (vogal aberta ou semiaberta), ou (iii) núcleo vocálico segmentalmente preenchido por uma vogal que, no nível subjacente, seja construída através da iteração dos elementos {A}, {I} ou {U} (= /a/, /i/, /u/) (cf. Veloso, 2017).

Quanto às principais restrições fonotáticas que, de acordo com Mateus e Andrade (2000), p. ex., asseguram a boa formação fonológica das palavras do PE, identificamos aqui, no tocante aos constituintes ataque e coda, as seguintes:

- os ataques vazios e simples (não ramificados) são consideravelmente irrestritos na língua; no caso dos ataques simples, qualquer consoante pode preenchê-los, havendo a considerar a restrição que inibe a ocorrência de /p/, /k/ e /r/ em início absoluto de palavra;
- os ataques ramificados limitam-se a um máximo de duas consoantes, respeitando o Princípio da Sonoridade e a Condição de Dissemelhança (o que restringe o formato dos ataques ramificados às sequências com uma consoante obstruente na primeira posição e uma líquida /l/ ou /r/ na segunda posição);
- não são admitidas codas segmentalmente ramificadas, sendo as codas simples obrigatoriamente preenchíveis apenas por /l/ (= [t]), /r/ ou fricativa palatal (= [j] ou [ʒ]).

Estas especificações aplicar-se-ão, de acordo com pontos de vista teóricos já referidos anteriormente, à generalidade do léxico do PE, devendo então ser assumidas como as restrições “não marcadas” da fonologia da língua. De acordo também com propostas já anteriormente referidas (Kiparsky, 1968; Itô e Mester, 1999), estas restrições poderão conhecer algum tipo de ajustamento para nos fornecerem a explicação de *estratos lexicais* ou *subléxicos* onde ocorram formas que apresentem desvios de tipificação relativamente acessível. Assim, as condições de palavridade em PE que aqui assumimos incluirão, além das restrições de Mateus e Andrade (2000) e de Veloso (2017) que acabamos de sumariar, as propostas (já mencionadas em 3) para explicar a prosodização das seguintes estruturas:

- sequências consonânticas pré-vocálicas diferentes dos ataques ramificados de tipo {Obstruente+Líquida /l/ ou /r/}, conforme a HNV de Mateus e Andrade (2000: 62);
- sequências como /ps/ ou /ks/ em posição de final de palavra, de acordo com a TPLDP de Veloso (2010).

No seu conjunto, todas estas restrições – quer as primeiras, aplicáveis à maioria das palavras do PE, quer estas últimas, atendidas pela HNV e pela TPLDP e aplicáveis a subconjuntos lexicais dentro do PE compatíveis com as noções de estrato lexical (Kiparsky, 1968) e subléxico (Itô e Mester, 1999) – são as condições de palavridade do PE que aqui assumimos e que serão tidas em consideração na análise das propriedades fonológicas das interjeições primárias do português, apresentada nas subsecções seguintes.

#### 4.2.1. Extensão segmental e silábica das interjeições do corpus

Com vista a retirarmos um primeiro conjunto de generalizações que permitam uma caracterização geral da estrutura e do comportamento fonológico das interjeições primárias do PE, começaremos por olhar a três indicadores imediatos dessa caracterização fonológica: o número de segmentos e o número de sílabas de cada interjeição; e os tipos silábicos representados no *corpus* (vd. subsecção seguinte).

Para a determinação do número de segmentos e do número de sílabas de cada interjeição, baseámo-nos nas formas fonéticas indicadas na 2ª coluna do Quadro 1. As contagens efetuadas tiveram em atenção os seguintes critérios principais:

- associámos a cada vogal um núcleo silábico (logo, a uma sílaba contabilizada como tal);
- as cadeias sem nenhum núcleo vocálico foram assumidas como monossilábicas;
- para a contagem do número de segmentos, foi considerado o alinhamento de posições segmentais com realização fonética sucessiva, contando as semivogais como segmentos, cada vogal ou semivogal nasal como um único segmento e os ditongos decrescentes nasais como duas posições segmentais sucessivas;
- o chevá [i] foi contado como um segmento e como um núcleo vocálico;
- o rótico dorsal foi contabilizado como uma só posição segmental;
- as produções [ts] (para *tss*) e [tʃ] (para *txx*) foram contabilizadas como sequências de dois segmentos consonânticos distintos e sucessivos, aceitando-se liminarmente a inexistência de consoantes africadas na maior parte das variedades do português europeu contemporâneo.

Da aplicação destes critérios ao material apresentado no Quadro 1, resultaram as contagens de segmentos e de sílabas que apresentamos no Quadro 2. Para a interjeição que corresponde ao primeiro exemplo da lista ([ | ]), um clique dental utilizado pelos falantes do PE como uma interjeição que exprime normalmente espanto, dúvida ou reprovação, normalmente articulada numa sucessão indefinida desse clique ([ | | | | ...]), não apresentamos qualquer valor relacionado com a extensão (segmental ou silábica), justamente porque o número de repetições do clique num só uso interjecional é, em abstrato, impossível de determinar.

**QUADRO 2.** Número de segmentos e de sílabas das interjeições primárias do português europeu constantes do *corpus* do estudo

INTERJEIÇÃO	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA LARGA	NÚMERO DE SEGMENTOS	NÚMERO DE SÍLABAS
[   ] (clique dental repetido)	[   ] (clique dental repetido)		
ah	[a]	1	1
ai	[aj]	2	1
apre	[ˈapɾi]	4	2
arre	[ˈari]	3	2
au	[aw]	2	1
chi	[ʃi]	2	1
chut	[ʃt]	2	1 (sem núcleo vocálico)
dass	[des]	3	1
ei	[ej]	2	1
eia	[ˈeje]	3	2

eish	[ej]	3	1
ena	[ˈɛnɐ]	3	2
fónix	[ˈfɒniks]	6	2
heim	[ɛ̃]	2	1
hmm	[m̃] (nasal labial sem distensão final)	1	1 (sem núcleo vocálico)
ih	[i]	1	1
irra	[ˈiɾɐ]	3	2
oh	[ɔ]	1	1
pschiu	[pʃiw]	4	1
psiu	[psiw]	4	1
pst	[pst]	3	1 (sem núcleo vocálico)
schiu	[ʃiw]	3	1
shshsh	[ʃ]	1	1 (sem núcleo vocálico)
tss	[ts]	2	1 (sem núcleo vocálico)
txx	[t]	2	1 (sem núcleo vocálico)
uf	[uf]	2	1
uh	[u]	1	1
ups	[ups]	3	1
ui	[uj]	2	1
zás	[za]	3	1

#### 4.2.2. Constituição silábica das interjeições do *corpus*

O segundo momento da análise das características fonológicas das interjeições do *corpus* incidirá sobre os tipos silábicos nele representados. Esta análise silábica limitou-se, neste trabalho, à identificação dos tipos silábicos definidos apenas pelo alinhamento segmental e pela combinação autosegmental dentro de cada sílaba, seguindo abordagens preliminares deste tipo de estrutura como as encontradas, p. ex., em Barbosa (1994: 137), Blevins (1995: 217) ou Camara Jr. (1988[1971]: 26).

Os resultados desta análise encontram-se no Quadro 3. No caso das interjeições dissilábicas, apresentamos na mesma linha do quadro a análise da primeira e da segunda sílaba.

No levantamento dos tipos de coda silábica, fazemos a distinção, neste momento, entre codas preenchidas por obstruente fricativa palatal (xVS; exº: *zás*) – formato prosódico estabelecido como “não marcado” em PE, de acordo com as condições de palavridade enunciadas em 4.2 – e codas preenchidas por obstruente diferente de fricativa palatal (xVC; exº: *uf*), as quais correspondem, por não serem previstas por tais condições de palavridade, a um formato silábico “marcado” na língua. Os ditongos decrescentes são englobados em estruturas xVG

(no caso de ditongos orais, como em *ai*) ou xVGN (como no caso de *heim*), sem assumirmos qualquer interpretação prosódica para o estatuto silábico da glide (nem da nasalidade, no caso dos ditongos nasais). Admitimos ainda, no decorrer do levantamento efetuado na secção anterior, o registo de sílabas sem qualquer núcleo vocálico (C, CC e CCC – vd. os exemplos, respetivamente, de *hmm* [m̃], *txx* [tʃ] e *pst* [pst]).

No Quadro 3, as transcrições fonéticas largas apresentadas na segunda coluna retomam, com base nos mesmos argumentos anteriormente expostos, as transcrições dadas nos Quadros 1 e 2.

**QUADRO 3.** Tipos silábicos encontrados nas interjeições primárias do português europeu constantes do *corpus* do estudo

INTERJEIÇÃO	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA LARGA	V	VG	VC	VGN	VGS	VCC	CV	CVG	CVC	CVCC	CVS	CCV	CCVG	C	CC	CCC
[l]	[l]														✓		
ah	[a]	✓															
ai	[aj]		✓														
apre	[ˈapri]	✓											✓				
arre	[ˈari]	✓						✓									
au	[aw]		✓														
chi	[ʃi]							✓									
chut	[ʃt]															✓	
dass	[des]									✓							
ei	[ej]		✓														
eia	[ˈeje]	✓	✓														
eish	[ejʃ]					✓											
ena	[ˈene]	✓						✓									
fónix	[ˈfɒniks]							✓			✓						
heim	[ē]				✓												
hmm	[m̃] (nasal labial sem distensão final)														✓		
ih	[i]	✓															
irra	[ˈire]	✓						✓									
oh	[ɔ]	✓															
pschiu	[pʃiw]													✓			
psiu	[psiw]													✓			
pst	[pst]																✓
schiu	[ʃiw]								✓								
shshsh	[ʃ]														✓		
tss	[ts]															✓	
txx	[tʃ]															✓	
uf	[uf]			✓													

uh	[u]	✓															
ups	[ups]						✓										
ui	[uj]		✓														
zás	[za]											✓					

#### 4.3. Características fonológicas das interjeições primárias do português europeu: À margem da fonologia da língua?

Nesta secção, desenvolveremos um conjunto de comentários às principais características fonológicas das interjeições primárias que constituem o pequeno exemplário analisado nos pontos anteriores. Estes comentários têm por principal objetivo proceder a uma verificação preliminar acerca da conformidade ou afastamento das interjeições primárias do PE relativamente às restrições fonológicas mais prototípicas da língua.

Da análise geral a que foram sujeitas num primeiro momento (4.2.1 e 4.2.2), começamos por destacar que as interjeições do material linguístico deste estudo são maioritariamente monossilábicas: das 30 interjeições sujeitas à contabilização da extensão segmental e silábica apresentada no Quadro 2 (excluindo-se, por conseguinte, a forma [i], mas incluindo-se os 6 monossílabos sem núcleo vocálico), 24 correspondem a monossílabos (=80% dos casos). As restantes 6 dessas 30 interjeições correspondem a dissílabos (=20% dos casos). Olhando às 24 formas monossilábicas, verificamos que elas apresentam uma extensão média de 2,17 segmentos (DP=0,92). Com base na observação desta amostra finita e exígua, podemos concluir que as interjeições primárias do PE parecem corresponder, tendencialmente, a formas monossilábicas muito curtas (com cerca de 2 segmentos cada). Este dado compagina-se com os dados de Dingemanse (2023: 479), Marabini (2016: 16) ou Nenova et al. (2001: 1, 4), entre outros, observados também noutras línguas.

Estas primeiras constatações de ordem mais quantitativa tornam-se mais esclarecedoras se forem completadas por uma leitura qualitativa que se detenha sobre a compatibilidade destas mesmas formas com as restrições fonológicas mais importantes que regem, em PE, a Condição de Minimalidade e a estruturação silábica.

Confrontando todas as 31 interjeições da nossa lista (Quadros 1-3) com as condições de palavridade apresentadas em 4.2, destacamos os seguintes aspetos, registando ainda que só num único caso (=3,2% do total) foi identificada a ocorrência de um segmento não pertencente ao inventário fonémico da língua: trata-se da interjeição [i], formada por um clique dental – coincidentemente, a consoante fonologicamente exógena encontrada também na construção de interjeições do inglês, de acordo com a citação de Ameka e Wilkins (2006: 5) transcrita na secção 2.

Relativamente à Condição de Minimalidade do PE proposta por Veloso (2017), 24 das 31 interjeições do *corpus* (=77,4% do total) respeitam-na, ou por serem dissilábicas, ou, no caso das monossilábicas, por mostrarem as estruturas enunciadas em 4.2: ramificação da rima (*ai, au, dass, ei, eish, heim, pschui, psiu, schiu, uf, ups, ui, zás*); núcleo vocálico preenchido por vogal aberta ou semiaberta (*ah, oh*); núcleo vocálico preenchido por vogal com iteração subjacente de elementos (*ih, uh*).

Os casos em que a Condição de Minimalidade é violada, representando uma minoria de ocorrências (7 interjeições, equivalendo a 22,6% das formas consideradas), correspondem a interjeições monossilábicas sem qualquer núcleo vocálico ([i], *chit* [t], *hmm, pst, shshsh, tss, tx*). A ausência de núcleo vocálico é, uma vez mais, uma propriedade identificada nas interjeições primárias de outras línguas: ela é registada relativamente ao inglês, p. ex., por Ameka e Wilkins (2006: 5).

Quanto às restrições fonotáticas que regulam as estruturas silábicas do PE, e observando em separado a constituição do ataque e da coda, as principais generalizações legitimadas pela observação do nosso material linguístico são as que passamos a explicitar. São excluídas desta análise as 7 interjeições referidas no parágrafo anterior que, por não terem núcleo vocálico, decidimos não sujeitar a qualquer análise de constituição silábica. Os dados a seguir apresentados restringem-se, portanto, ao conjunto das 24 formas restantes.

Nestas 24 interjeições, verifica-se que as restrições de ataque são respeitadas nas 24 formas consideradas (isto é, em 100% dos casos contemplados): todas essas formas apresentam ataques (simples, vazios ou ramificados) compatíveis com as condições de boa formação fonológica deste constituinte postuladas por Mateus e Andrade (2000) nos termos anteriormente expostos. Tornamos claro que, nesta discussão dos dados, consideramos que esta explicação abrange também as interjeições monossilábicas *pschiu* e *psiu*, às quais é aplicável a HNV de Mateus e Andrade (2000: 62) que explicaria um estrato/sublético particular do PE<sup>3</sup> capaz de admitir sequências de 2 obstruintes consecutivas no nível linear de superfície (separadas por um núcleo vazio no nível subjacente).

No tocante à coda silábica das interjeições do *corpus*, verificamos que apenas em *dass* [des], *fónix* ['fɔniks], *uf* [uf] e *ups* [ups] existem codas que, à luz da descrição fonológica de Mateus e Andrade (2000), violariam as restrições que regulam este constituinte prosódico: nos casos de *dass* [des] e *uf* [uf], por encontrarmos codas preenchidas por obstruinte diferente de fricativa palatal; nos casos de *fónix* ['fɔniks] e *ups* [ups], por encontrarmos codas aparentemente ramificadas. Destes 4 casos, os únicos 2 que realmente parecem não encontrar qualquer explicação à luz de todas as restrições fonotáticas do PE aqui assumidas são os das interjeições *dass* [des] e *uf* [uf], uma vez que a TPLDP proposta por Veloso (2010) parece oferecer explicação plausível para a existência, em PE, de subconjuntos de palavras terminadas em [ks] (*fónix* como *tórax*, p. ex.) e [ps] (*ups* como *fórceps*, p. ex.).

Em face de todas estas observações, as duas principais generalizações que aqui nos parece lícito extrair são as seguintes.

(I). Na maioria dos casos considerados, as principais restrições fonológicas do PE são respeitadas pelas interjeições primárias da língua. Seja a nível dos segmentos incluídos nestas palavras, seja no seu licenciamento prosódico, a maioria das interjeições do *corpus* respeita integralmente as regras fonotáticas fundamentais do português.

(II). As principais violações verificadas têm a ver com 1 caso com utilização de um segmento estranho ao inventário segmental da língua ([l]) (=3,2% do total de interjeições primárias do *corpus*) e com os 6 casos de interjeições formadas com fonemas do PE mas sem um único núcleo vocálico (*chut* [t], *hmm* [m̃], *pst* [pst], *shshsh* [ʃ], *tss* [ts] e *txx* [t]), representando 19,4% dos casos).

Relativamente aos casos abrangidos por (II), um aspeto a referir neste momento é que tais formatos "irregulares" são os mesmos identificados para outras línguas, conforme podemos verificar, p. ex., nas observações de Ameka (1992: 5) acima transcritas relativamente ao inglês. Estas coincidências poderão ser interpretadas como indício de que poderão eventualmente existir características fonológicas das interjeições até certo ponto independentes das gramáticas particulares de cada língua, passíveis de discussão à luz da hipótese da existência de propriedades linguísticas supostamente *universais*.

3 Reconhecemos, porém, que a sequência [pj] encontrada no início de *pschiu* não ocorre noutras formas não interjecionais da língua, ao contrário de [ps] (de *psiu*), encontrada em palavras como *psicologia*, *psoríase* e outras.



## 5.

**Observações finais**

Ao longo do presente estudo, tentámos mostrar que as interjeições, apesar de algumas características idiosincráticas e não obstante a marginalização de que foram alvo ao longo de vários séculos de tradição gramaticográfica, correspondem a unidades linguísticas importantes e merecedoras do estatuto de objeto de investigação e descrição gramatical.

Desenvolvendo a análise fonológica preliminar de uma pequena amostra de interjeições primárias do PE, tentámos fazer um levantamento das principais características fonológicas destas formas e, principalmente, observar de que modo esta classe se comporta perante as restrições fonotáticas que asseguram a palavridade em PE. Para este último objetivo, considerámos quer as restrições aplicáveis, de forma “não marcada”, à generalidade do léxico (tais como, basicamente, a Condição de Minimalidade defendida para o PE por Veloso (2017) e as restrições fonotáticas fundamentais de Mateus e Andrade (2000)), quer propostas como a HNV (Mateus & Andrade, 2000) e a TPLDP (Veloso, 2010) – com aplicação a subconjuntos lexicais definidos, até certo ponto compatíveis com as propostas de estrato lexical e sublético de Kiparsky (1968) e Itô e Mester (1999), respetivamente. Essa análise, necessariamente limitada pelo carácter reduzido da amostra, mostrou dois aspetos que aqui destacamos como de bastante importância:

- 1) nas interjeições primárias do PE são privilegiadas as formas curtas, prevalentemente monossilábicas;
- 2) essas formas apresentam, nalguns casos *minoritários*, propriedades e estruturas inexistentes ou relativamente raras noutras classes da língua, tais como:
  - a. segmentos estranhos ao inventário fonémico da língua (ocorrência reduzida, na nossa amostra, a um único caso, o da interjeição a que corresponde a forma fonética [ | ] );
  - b. formas monossilábicas sem núcleo vocálico;
  - c. sequências consonânticas pré-vocálicas que, por violarem o Princípio da Sonoridade e a Condição de Dissemelhança, não são prosodizáveis como ataques ramificados, *embora sejam compatíveis com a Hipótese do Núcleo Vazio* de Mateus e Andrade (2000: 62);
  - d. coda consonântica preenchida por fricativa não palatal;
  - e. coda ramificada: *compatível, porém, com a proposta de Tolerância Prosódica do Limite Direito da Palavra* de Veloso (2010) (obstruinte oclusiva seguida de /s/ em posição final de palavra).

Observadas na sua globalidade, estas generalizações conduzem-nos à principal conclusão que nos parece possível retirar do estudo: as interjeições primárias do PE que apresentam algum tipo de aparente excecionalidade fonológica correspondem a um número minoritário de casos. Com efeito, os casos de “anomalia fonológica”, pelo menos no nosso *corpus* e de acordo com o tipo de análise que realizámos, constituem um número diminuto de itens e exemplificam formatos fonológicos que, embora não muito frequentes na língua, se encontram também fora da classe das interjeições.

Assim, o que este pequeno estudo prospetivo nos parece indiciar é que as interjeições primárias do PE não apresentam, no fundo, uma discrepância tão grande, ao nível da sua forma fonológica, em relação a outras palavras da língua; e que mesmo as propriedades fonológicas aparentemente mais “irregulares” ou “marginais” encontradas em algumas formas desta classe são atestadas também noutras classes de palavras da língua, reforçando a sua aceitação, num plano genérico, como formas que reúnem todas as principais condições para serem integradas como unidades do léxico do PE.

PRINCIPAIS ABREVIATURAS UTILIZADAS:

HNV: Hipótese do Núcleo Vazio (Mateus & Andrade, 2000)

PE: Português Europeu

TPLDP: Tolerância Prosódica do Limite Direito da Palavra (Velooso, 2010)

## Referências bibliográficas

- Ameka, Felix (1992). "Interjections: The universal yet neglected part of speech", *Journal of Pragmatics*, 18, 101-118. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(92\)90048-G](https://doi.org/10.1016/0378-2166(92)90048-G).
- Ameka, Felix K., & Wilkins, David P. (2006). "Interjections". Em Verschueren, Jef, & Östman, Jan-Ola (eds.), *Handbook of Pragmatics*, 1-19. Amsterdam: John Benjamins. DOI: <https://doi.org/10.1075/hop.10.int12>.
- Aronoff, Mark, & Fudeman, Kirsten (2005). *What is Morphology?* Malden MA: Blackwell.
- Barbosa, Jorge Morais (1994). *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.
- Basso, Renato Miguel, & Teixeira, Ariane (2017). "Interjeições como indexicais expressivos: um tratamento em semântica formal", *Veredas*, 21(2), 78-94. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2017.v21.27976>.
- Basso, Renato Miguel, & Teixeira, Ariane (2019). "Uma tipologia para as interjeições do português brasileiro", *Revista do GEL*, 16(3), 10-34. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v16i3.2593>.
- Blevins, Juliette (1995). "The Syllable in Phonological Theory". Em Goldsmith, John A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*, 206-244. Cambridge MA: Blackwell.
- Bloomfield, Leonard (1933). *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Camara Jr., Joaquim Mattoso (1988[1971]). *Problemas de Lingüística Descritiva*. 13ª ed. Petrópolis RJ: Vozes.
- Cunha, Celso, & Cintra, Luís F. Lindley (1990[1984]). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7ª ed. Lisboa: Sá da Costa.
- Diewald, Gabriele (2011). "Grammaticalization and pragmaticalization". Em Heine, Bernd, & Narrog, Heiko (eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*, 450-461. Oxford: Oxford University Press. Citado por Morleo (2022).
- Dingemanse, Mark (2018). "Redrawing the margins of language: Lessons from research on ideophones", *Glossa: a journal of general linguistics*, 3(1), 4.1-30. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.444>.
- Dingemanse, Mark (2023). "Interjections". Em van Lier, Eva (ed.). *The Oxford Handbook of Word Classes*, 477-491. Oxford: Oxford University Press. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198852889.013.14>.
- Dingemanse, Mark (2024). "Interjections at the Heart of Language", *Annual Review of Linguistics*, 10, 257-277. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-031422-124743>.
- Greenberg, Joseph H. (1966). *Language Universals*. The Hague/Paris: Mouton.
- Itô, Junko, & Mester, Armin (1999). "The phonological lexicon". Em Tsujimura, Natsuko (ed.). *The Handbook of Japanese Linguistics*, 62-100. Oxford: Blackwell. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781405166225.ch3>.
- Jakobson, roman (1972[1968]). *Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze* [1968] [trad. ing.]. *Child Language, Aphasia and Phonological Universals*. The Hague: Mouton [1972].
- Kenstowicz, Michael (1994). *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell.

Kiparsky, Paul (1968). *How abstract is phonology?*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club.

Kuznetsova, Natalia, Anderson, Cormac, & Easterday, Shelece (eds.) (2025). *Rarities in phonetics and phonology. Structural, typological, evolutionary, and social dimensions*. Berlin: Language Science Press. Disponível em <https://langsci-press.org/catalog/book/415>. (Consultado em 15.11.2025).

Leite, Marli Quadros (2016). "Partes do discurso/Classes de palavras: um estudo das ideias sobre a interjeição em gramáticas portuguesas", *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 11, 199-225. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/EL/article/view/2171/0>. (Consultado em 15.11.2025).

Marabini, Alessandra (2019). "Expressive function and categorization of Italian interjections", *Theoretical and Applied Linguistics*, 5(3), 14-22. Disponível em <https://rrlinguistics.ru/en/journal/annotation/1764/>. (Consultado em 15.11.2025).

Mateus, Maria Helena, & Andrade, Ernesto d' (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

Morleo, Francesco (2022). "A Portuguese interjection and its process of pragmaticalization: Pá", *Annali dell'Università degli Studi di Napoli "L'Orientale"*, 11, 253-276.

Nenova, Nikolinka, Joue, Gina, Reilly, Ronan, & Carson-Berndsen, Julie (2001). "Sound and Function Regularities in Interjections", *Proceedings ITRW on Disfluency in Spontaneous Speech*, 49-52. Disponível em [https://www.isca-archive.org/diss\\_2001/nenova01\\_diss.html](https://www.isca-archive.org/diss_2001/nenova01_diss.html). (Consultado em 15.11.2025).

Piron, Sophie (2016). "De l'interjection", *Langues et Parole*, 2, 145-172. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/languesparole.32>.

Portugal – Ministério da Educação e Ciência (s/d). *Dicionário Terminológico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência/Direção-Geral da Educação. Disponível em <https://dt.dge.mec.pt/>. (Consultado em 15.11.2025).

Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia Coelho da, Segura, Luísa, Mendes, Amália, Vicente, Graça, & Veloso, Rita (eds.) (2013). *Gramática do Português. Volume I*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ulrich, Camila W. (2013). *A noção de palavridade na concepção de falantes do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre RS.

Vázquez Cuesta, Pilar, & Mendes da Luz, Maria Albertina (1989 [1ª ed. esp.: 1971]) [trad. port]. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.

Veloso, João (2010). "Rimes /VGNS/ en position finale de mot en portugais: Une contrainte «sensible au mot»". Em Iliescu, Maria, Siller-Runggaldier, Heidi M., & Danler, Paul (eds.). *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, II, 231-240. Berlin: De Gruyter.

Veloso, João (2017). "Monossílabos CV do português: leves e degenerados? Sonoridade vocálica e iteração de elementos na atribuição de peso e na preservação da minimalidade em português", *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 12, 201-226. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/3437>. (Consultado em 15.11.2025).

Vilela, Mário (1999[1995]). *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Coimbra: Almedina.

Wierzbicka, Anna (1992). "The semantics of interjection", *Journal of Pragmatics*, 18, 159-192. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(92\)90050-L](https://doi.org/10.1016/0378-2166(92)90050-L).



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

## Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,  
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística  
e Literaria Galega)

## Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)  
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

## Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidade de Santiago de Compostela (España)

## Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)  
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)  
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)  
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)  
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)  
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)  
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

## Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)  
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)  
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)  
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)  
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)  
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)  
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)  
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)  
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)  
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)  
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes  
e Alto Douro (Portugal)

## Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)  
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)  
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)  
Carme Fernández Pérez-San Julián, Universidade da Coruña (España)  
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)  
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)  
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)  
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)  
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)  
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)  
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)  
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)  
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)  
Maria Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)  
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)  
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)  
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)  
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)  
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)  
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)  
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)  
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)  
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)  
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)  
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

## Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)  
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)  
Rafael Lluís Ninyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciència,  
Generalitat Valenciana (España)



Depósito legal/ C584/2000  
ISSN/ 1576-2661  
ISSN-e 2444-9121  
Deseño/ Novagarda